



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

I. R. C. teleg. Taibala - Lisboa • Telephone:?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## PARA A DIREITA? PARA A ESQUERDA?

A crise ministerial é um facto. Mas tratar-se-há de uma crise total ou simplesmente parcial?

Cremos já não existir dúvida. Parece positivo que o ministério presidido pelo coronel sr. Sá Cardoso cai. E fendo vivido como viveu, no vácuo, sem apoio de nenhuma das muitas opiniões públicas, o ministério do sr. Sá Cardoso morre sem deixar saudades. ¿Mas que ministério lhe sucederá?

As primitivas várias hipóteses, ultimamente reduziram-se a duas apenas. Ou um governo conservador (?) ou um governo radical (?) isto é, ou constituído pelo Partido Liberal ou constituído por democráticos, populares e socialistas.

O conselho de ministros esteve ontem de tarde reunido, em Belém, sob a presidência do chefe do Estado, e as conferências tesearam sucedido, apressadas, entre o presidente do ministério e as personalidades representativas dos diferentes partidos políticos. Com o que se acham tam preocupados os governantes e os marechais da política? Simplesmente com isto: com decidir o que mais convém: se ir para a esquerda ou se ir para a direita.

Parecia que era a opinião pública, a tendência popular, que devia indicar aos políticos qual o caminho que deviam trilhar. Mas não senhor. Não sucede assim. Eles é que, entre si, lá decidem a coisa. Se entendessem mais convenientemente ir para a direita, é que resolvem ir para a direita, embora o povo vá para a esquerda. Isto é, afinal, o que sempre tem sucedido. O povo anda sempre em sentido contrário ao do Estado, ao dos governos. ¿Mas o que é que vem a ser isso da direita e da esquerda? Haverá realmente alguma diferença entre os governantes ou aspirantes a governar—coitados! com que sacrifícios aceitam tam espinhos missão.

Ah! se não fosse o grande patriotismo quo os anima, ai! pobres de nós. Que seria de nos, governados, explorados e ludibriados sem ter quem nos governasse, explorasse e nos iludisse?!

Haverá realmente alguma diferença — perguntávamos — entre o que os dirigentes soom chamar política da esquerda e política da direita?

\* \* \*

O estado actual da sociedade portuguesa manifesta todos os sintomas das grandes revoluções.

O regime económico está falido, a indústria paralisada, a agricultura cada vez menos produtiva; o comércio cada vez mais ladraçoso; a vida, encurvendo, obriga ao aumento do salário, e o aumento desto determina novo agravamento no custo dos gêneros, e os economistas burgueses, com toda a sua ciência, não encontram forma de se sair deste círculo vicioso; o tesouro público vai a caminho da bancarrota; o regime político desmoralizado e também fadado; o Estado periclitava nas mãos ou de incompetentes ou de homens sem escrúpulos; os serviços públicos estão num caos; a desmoralização, a mandria e a ambição desmesurada, vindas de cima, conta minam os de baixo; a ordem é uma mentira; a lei é desrespeitada pelos próprios que temem por ofício fazê-la cumprir. Ninguém vive contente. De todas as bocas se ouvem as mesmas críticas e as mesmas censuras, as mesmas queixas e os mesmos lamentos, e todos proclamam, com desalento, que não há salvação possível. Todos gritam que isto não pode continuar, que é preciso reorganizar tudo, moralizar a administração pública, adoptar novos processos políticos, levantar o carácter nacional e sobretudo produzir e que para isso é preciso trabalhar, trabalhar muito e trabalhar sempre. Mas ninguém trabalha. E os que assim pensam são os primeiros que fazem.

Este é o ostado real da sociedade portuguesa neste momento, traçado em linhas gerais e a tintas muito brandas.

LER NA 2.ª PÁGINA:  
NOTAS & COMENTÁRIOS

## NAO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Mas como pôr um pouco de ordem nesta grande barafunda? Como sair disto? pregunta a burguesia. E na sua ignorância de diagnosticar a doença, não sabe o remédio a aplicar. Assim, enquanto uns clamam por um governo forte, apoiado no exército e na polícia e nas classes conservadoras para meter, a ferro e fogo, tudo e todos nos eixos, outros apelam para a tolerância, para o respeito pelos direitos e garantias individuais, para o cumprimento da lei. E entre a ditadura e o despotismo, a burguesia hesita. Julga ela que numa dessas duas fórmulas está a verdade, mas não tem a certeza em qual delas essa verdade está.

Ora democracia e ditadura confundem-se na mesma iniqüidade e no mesmo despotismo. São duas vestes que encobrem o mesmo corpo — o Estado — o áste, sob qualquer das suas formas representativas, desde a monarquia absoluta até à República, já den os frutos que tinha a dar.

As coisas que se verificam em todos os ramos de actividade humana não são o resultado de causas locais, passageiras e facilmente debeláveis, mas o resultado do regime económico-político em vigor e, por conseguinte, a solução dessas coisas não está na mudança de homens, nem de processos políticos, mas na transformação e não reforma — da actual organização social.

E é isto, justamente, que não querem ver ou melhor não convém ver aos políticos, quer militem na esquerda, quer militem na direita. Quer uns, quer outros, como únicos beneficiários pelas actuais instituições, ladearão o fulero de todas as nossas desgraças — o Estado — modificando-o, remodelando-o, adaptando-o aos interesses e conveniências dos seus mandatários — os burgueses — mas não ousarão nunca tocar na essência do princípio.

Ir para a direita ou ir para a esquerda, é sempre marcar passo, fingir que anda mas não anda. A solução do problema não está nem dum lado nem do outro. Está na frente. Mas ir para a frente é andar, e o Estado não anda, não marcha. O Estado é o que está. Resolvam, pois, os políticos ir para a direita ou ir para a esquerda, que nós, com coragem e com sinceridade — continuaremos a ir para a frente!

*Professor Carvalho*

## DO BRASIL

### Em plena "democracia"...

Feroz perseguição aos agrupamentos operários — Um trabalhador morto no cárcere

RIO DE JANEIRO, 30 de Novembro.— Aqui, no Brasil, as perseguições são intermináveis. As prisões efectuam-se diariamente não pensando a polícia em justificar de qualquer forma. Camaradas nossos são remetidos para enfermarias infectas, húmidas, onde lhes negam a água e a comida, a título de: *Maximalista na tem regalias!*

As autoridades superiores primam pelo desumanidade, tendo sido morto apanhado dentro da prisão, ao que nos consta, o camarada João da Costa Piamenta. Esta camarada havia sido preso acorrentado a um mato. Outra vítima também é um desequilibrado que se atende com enfado, ou um pobre de espírito que se escuta complacentemente. Conversa-se agradavelmente com ele. E' sensato e não se irrita quando lhe contrariam as razões.

Suponha ir encontrá-lo abatido dos enclausuramentos rigorosos, das inclemências e maus tratos, e quebrantados das enoques sofridos que dum possível rebate da consciência e dos riscos a sua vida correm — sabendo-se que lhe atraíram tiros para dentro do cárcere no governo civil — quer das imensas privações a que o sujeitaram os seus algoritmos.

Porque foi que José Júlio da Costa matou Sidónio Pais

— Nunca sentiu remorsos? pregunta-lhe. Sempre é uma morte...

Qual! Matava-o segunda vez, replicou de pronto e decidido, com a sua soberba energia leonina.

E é assim que vivemos nesta "liberal terra".

Os camaradas que se encontram à frente das organizações não tem a vida garantida. As autoridades não se cansam de os perseguir, pelo uso do terror e da ameaça...

No entanto, nós continuaremos na bárbaria, defendendo as aspirações proletárias — que são a sua emancipação e o seu direito à vida!

E sendo assim continuaremos não recendo, nem transfigurado, e iremos a revolução social, que, mais ou menos dias, será um facto no Brasil.

A Federação do Rio de Janeiro anda a monte... Não pode ter sede própria. Mas vive e resiste regularmente, a despeito da má vontade governamental, das suas perseguições e arbitrariedades... C.

*CONSELHO JURÍDICO DE C. B. I.*

Em virtude de ter ido a Setúbal — para onde partiu anteontem — tomar a defesa do camarada José Afonso, ferroviário do Sul e Sueste, que hoje é julgado naquela cidade, não se encontra em Lisboa e não pode, por isso, dar as consultas e o avogado do Conselho Jurídico da C. G. T. e nosso amigo Dr. Sobral de Campos.

Segundo nos informam, a próxima consulta será depois de amanhã, às 21 horas, na sede do Conselho Jurídico.

Este organismo, dentro de poucos dias, terá os seus serviços montados, com a colaboração de um solícitor encarregado que já contratou, por sua parte, a poder acompanhar melhor e mais proficamente os processos e a satisfazer as consultas sobre inquéritos.

No princípio da semana próxima se indicarão os dias e horas das consultas.

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Registamos hoje mais uma lista de donativos recebidos na nossa administração, para que a salvo atravessasse A Batalha a crise que para a imprensa se avizinha. Em pouco modificaram esses donativos a situação, pois são de tal forma pesados os futuros encargos, que necessário será um grande esforço do proletariado consciente, para que continue tendo na imprensa um jornal que tem os seus interesses pugne com o entusiasmo e o ardor que A Batalha sempre tem demonstrado em todas as circunstâncias.

Transporte..... 2.342.897  
Um empregado do público..... 550  
Taselões da casa Alcada & Filhos (Covilhã)..... 3809  
Quente em Silves..... 1.900  
Joaquim Mateus Varatouja..... 50  
Um deportado..... 50  
Manuel Afonso Vieira (Outeiro)..... 1825  
Ervira de Jesus Aniceto..... 1.800  
F.R. Guedes..... 500  
Eduardo Miranda..... 500  
Quete na conferência d. Crisóstomo da Carvalho (Porto)..... 754  
Raúl M. Pinto..... 500  
Ervira de Jesus (passando a contribuir com \$50 mensais)..... 500  
José Júnior Pasteleiro (contribuição mensal)..... 500  
A transportar..... 2.361.875

## A questão irlandesa

Lloyd George vai conceder a autonomia à insulha ilha

LONDRES, 24.— Falando na câmara dos comuns a respeito dos acontecimentos da Irlanda, Lloyd George declarou que a sua continuação seria severamente reprimida e que o governo tentaria conceder a autonomia à Irlanda com parlamentos para as províncias do norte e do sul. — H.

LER NA 2.ª PÁGINA:  
NOTAS & COMENTÁRIOS

## DUAS HORAS NA PENITENCIÁRIA

### Conversando com José Júlio da Costa

o executor de Sidónio Pais

Confesso que saí com muito melhores impressões do que as que levava quando transpus o limiar da cela da Penitenciária, onde fui visitar o executor de Sidónio Pais. Sem deixar de reconhecer o enorme serviço que o atentado prestou à causa da Liberdade e a rara coragem de que José Júlio deu prova — coisa a que um revolucionário não pode ser indiferente — supunha-o todavia um partidário exclusivo do democratismo sectário, agindo mais por mesquinas sugestões políticas do que por nobres impulsos humanitários. O seu gesto, típico para os avançados, não o caracteriza, nem é devido ao estreito vínculo que existia entre o seu avançado e o seu executado.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Notei o amigo que o meu gesto não foi um ataque traígo — avançando sempre de frente — não matei numa cidadã, numa emboscada. Não atirei de longe, uma bomba ou um tiro direto a multidão. Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui matar o Sidónio ia naturalmente disposto a morrer também.

Quando fui

## Comentários

## Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

## União dos Sindicatos Operários.

A comissão administrativa, ontem reunida, ocupou-se de diverso expediente, e entre elas o seguinte: ofício da comissão organizadora do Sindicato Único Mobiliário e do sindicato de pessoal extraordinário dos tabacos sobre a nova forma de cotização dos sindicatos aderentes à C. G. T., sendo resolvido oficializar-se a este último, dando-lhe explicações sobre a adesão; ofício da Federação Nacional Corticeira comunicando o pedido de aumento do salário que vai ser feito aos respectivos industriais e pedindo o apoio moral e material desse União. Resolviu-se satisfazer o seu pedido. A comissão pró-inquilino foi ouvida sobre o que é necessário fazer-se uma vez que, ao que se afirma, a nova lei entra em discussão no parlamento no mês de Janeiro e preparar a massa proletária para um comício público a realizar.

Por fim resolviu-se convocar a assembleia de delegados para a próxima sexta feira, onde serão debatidos assuntos de alto interesse para a organização.

## Federación Nacional da Construção Civil. Comissão Escolar.

Esta comissão torna público que só conserva aberta a matrícula para a aula de desenho até ao dia 31 do corrente,

assim como se conserva aberta a matrícula para os filhos dos sócios que

querem frequentar as aulas diárias de instrução primária.

Esta comissão reúne hoje para fazer o inventário de todo o material escolar,

para entregar ao sindicato único, pedindo a comissão do secretário geral, e arquivista, pelas 10 horas.

## Federación de Caçado, Couros e Peles.

Reuniu esta organização que se

ocupa na distribuição dos modelos das cadernetas e respectivas circulares.

Tomou conhecimento do ofício de Guimarães e Curtidores do Porto. Notou a falta de resposta às circulares enviadas em Novembro, de algumas associações que estiveram representadas no Congresso.

Recebeu comunicação da festa que

uma comissão de delegados promove

em sua homenagem, encontrando-se os

bilhetes na sede da Associação dos

Operários Manufactores de Caçado,

Rua Arco Marques do Alegrante, 30, 2º,

onde podem ser adquiridos, todos os

dias, das 21 às 23.

São convocados os delegados do conselho federal, a reunir hoje pelas 21 horas, para assunto urgente.

## Operários alfaiates.

Reuniu a assembleia

geral, que se ocupou na revisão da

comissão de finanças do último

movimento, o qual, depois de vár

ia discussão, foi aprovado por maioria,

sendo lido depois o relatório do

delegado ao Congresso de Coimbra,

que, atendendo ao adiantado da hora,

ficou para ser discutido na assembleia

que se realiza amanhã, sendo também

este assunto a questão de trinta

escudos, que outros tantos operários

desta classe conseguiram, por subscrição,

para se pagar uma dívida que este

sindicato deve e cujo mapa descri

to dos nomes que para tal fim contrib

uiram se encontra fixado na sede

deste sindicato.

## Carrageiros.

Reuniu na terça

feira p. p., a comissão administrativa

deste sindicato, em conjunto com a com

issão que trata de levar a prática de

redução da jornada de trabalho a um

nível mais elevado.

Para conhecimento dos camaradas

sindicados preveniu-los que se de

sempre pôr em dia com o sindicato para

boa ordem da escrita da organização.

## Operários mecânicos de açúcar.

Reuniu em assembleia geral para

eleição dos corpos gerentes para 1920,

ficando eleitos os seguintes camaradas:

Assembleia geral, presidente, Edmundo Augusto Freire; 1.º secretário, Fernandes Costa; 2.º secretário, Adolfo Morais; Direção, presidente, Manuel Caetano; secretário, Benjamin Barros; tesoureiro, José Pereira; vogais, Manuel Antunes, José Augusto Fernandes; Conselho fiscal, presidente, Fernando Gonçalves; secretário, Manuel Fernandes; relator, Manuel Antônio de Sousa.

## Construção Civil da Amadora.

Reuniu no dia 24, pelas 15 horas, na

sede deste sindicato, as direções dos

três sindicatos: Amadora, Linda-a-

Pastora e Oeiras e os delegados da

Pastora e Oeiras e os delegados da</p